

Intertextualidade e tradução

Abstract: This article explores the intertextual web in Laurence Sterne's *A Sentimental Journey through France and Italy*, published in 1768, more specifically aiming at the references to the biblical text in Sterne's novel. The aim of this article is to identify these incidences in Sterne's text and see how the Brazilian translators dealt with these references in their translations.

Keywords: intertextuality, *A Sentimental Journey*, Bible, translation.

Resumo: Este artigo trata da rede intertextual no romance *A Sentimental Journey through France and Italy* de Laurence Sterne, publicado em 1768. O objetivo deste artigo é identificar as referências ao texto bíblico no texto de Sterne, nas quatro traduções brasileiras do romance e examinar como as tradutoras lidaram com essas referências em suas práticas tradutórias.

Palavras-chave: intertextualidade, *A Sentimental Journey*, Bíblia, tradução.

Este artigo resulta da minha pesquisa de doutorado¹, em que fiz uma tradução anotada de *A Sentimental Journey through France and Italy* de Laurence Sterne, publicado em 27 de fevereiro de 1768. A edição do romance usada para a minha tradução é a de 2001, da Penguin. Optei por esta edição por ter sido fundamentada na primeira edição do romance, bem como, de acordo com Goring, que assina a introdução e as notas da edição, pela pretensão de "reproduce as far as possible the often idiosyncratic nature of the original", e acrescenta: "Sterne died on 18 March 1768, and there is no firm evidence that he revised the text for the second edition of 29 March 1768" (2001, p. xxxvi).

No Brasil há três traduções anteriores à minha publicadas de *A Sentimental Journey: Viagem sentimental na França e na Itália* da editora Athena, tradução de Berenice Xavier de 1939; *Uma viagem sentimental através de França e Itália* da Cultrix, tradução de Anna Maria Martins de 1963, reimpressa duas vezes, e *Uma viagem sentimental através da França e da Itália* da Nova Fronteira, tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro de 2002.

Este artigo pretende discutir a relação entre a intertextualidade e a atividade tradutória, a rede intertextual em *A Sentimental Journey*,

mais especificamente a relação do texto de Sterne com a Bíblia, e analisar as opções das tradutoras no que se refere à questão.

O tradutor tem um papel importante na formação do cânone, uma vez que a tradução importa modelos, temática e gêneros, e, no processo de negociação destes elementos entre os códigos lingüísticos, a prática tradutória possibilita renovação para a literatura da cultura de chegada na medida em que integra marcas intertextuais do texto original à própria rede de referências intertextuais. Além de ajudar na formação do cânone local, a tradução mostra-se fundamental no seu estabelecimento, uma vez que retoma a cada certo tempo práticas literárias locais e estrangeiras, possibilitando e reiterando a comunicação entre culturas.

Gillespie chamou a atenção para o fato de que a tradução não apenas reflete o prestígio de um determinado texto, mas, em alguns casos, estabelece ou ajuda a estabelecer o prestígio do texto original, e para o fato de que, se certos textos fazem parte do cânone, isto se deve, em grande medida, à prática tradutória que lhes proporciona, a cada versão, um novo acesso: "Even where a text had been widely available in a previous translation, a fresh version could place it in a strong new light, and thus have an equally pronounced effect". (2005, pp. 9-10). E cita o exemplo de Pope, tradutor da *Iliada*.

Pope's *Iliad* was by no means the first in English, but from the start, it is clear, readers could look to it for things they did not find, or had not found, in previous ones. Still more pertinently in the present context, they looked to it for things they did not find in native English poetry (id., p. 10).

Pode-se dizer que a formação do cânone passa pela apropriação de recursos literários importados pela tradução, sobretudo em culturas cuja literatura está em processo de formação ou que atravessa um período de aridez.

O papel ativo do tradutor neste processo de abertura para o novo e o decorrente trânsito entre duas realidades literárias e culturais que permite a produção do texto traduzido estão condicionados a fatores conjunturais que motivam, ainda que não seja um processo consciente para o tradutor, determinadas posturas. Destes fatores, faz parte, além de questões culturais, temporais e linguísticas, o histórico literário do tradutor, através do qual ele estabelecerá conexões e terá acesso às relações intertextuais apresentadas e exploradas pelo autor.

É por meio da identificação e do exame do intertexto que se explicita as relações que o autor estabelece no seu texto ao reatualizar discursos alheios: "Writing is the historical praxis of reading made

visible" (Culler, 1976, p. 1383). O autor, de maneira consciente, manifesta o seu histórico literário e revela os autores e as obras que o ajudaram na sua formação e, mais especificamente, na composição daquele determinado trabalho. Isto não quer dizer que esta exposição seja necessariamente benigna, ela pode antes servir de pretexto para a ironia ou de material para a paródia.

Estas relações intertextuais propostas pelo autor funcionam como marcas nem sempre explícitas a serem desvendadas pelo leitor e que estão condicionadas a questões socioculturais. O processo de tradução é balizado por essas questões e será tanto mais complexo quanto maior a distância entre as culturas estrangeira e local, uma vez que marcas intertextuais em uma cultura podem ser ignoradas parcial ou totalmente em outra. O tradutor pode valer-se, em casos de culturas muito distantes em que a referência ofereça resistência à tradução ou à clareza de identificação pelo leitor, por exemplo, de paratexto – estratégia que permite ao tradutor ignorar a relação intertextual estabelecida pelo autor. Federici, ao comentar sobre referências intertextuais, diz:

If left untranslated or partly translated, they must be explained and decoded for the target reader. The translation or the untranslatability of intertextual references visualises the act of mediation of the translator, his own journey through a cross-fertilised text which can maintain the linguistic and cultural specificities of the original text, or can totally erase them (2007, p. 157).

A identificação e eventuais omissões de marcas intertextuais caracterizarão o texto meta, e o paratexto pode garantir a comunicação entre texto e leitor, enriquecendo e ampliando o acesso à cultura fonte.

Contudo, além do distanciamento cultural, o tradutor tem o seu processo de reescrita balizado pela própria bagagem literária e é esta bagagem que lhe permite a identificação das marcas intertextuais do original. É apenas pelo reconhecimento do entrelaçamento de textos proposto pelo autor que o tradutor pode estabelecer sua estratégia de mediação entre texto e leitor.

The many subtle intertextual networks left on the pages by the author must be recognised by the translator and transmitted to the target readers embedded in a different culture and context. In his role as a decoder of the complex and challenging intertextual web that the writer has interwoven for the reader, the translator's ability consists in reproducing the multiple layers of implied meanings and connotations in the target language for the receiving literary and cultural context (Federici, 2007, p. 153).

Dessa maneira, a identificação das marcas intertextuais é bastante reveladora do conhecimento que o tradutor tem da língua, da cultura, da história e da literatura em que o texto original se insere. Claro que eventualmente pode escapar ao tradutor uma ou outra referência intertextual, mas a tradução de uma maneira geral e a literária em especial é essencialmente uma atividade que exige pesquisa, um certo ceticismo e interesse intelectual.

Intertextualidade em *A Sentimental Journey*

A obra de Sterne, em especial, os romances *Tristram Shandy* e *A Sentimental Journey*, é objeto de discussões e controvérsias desde o lançamento. As críticas contemporâneas refletiam esta ausência de consenso e alguns críticos o acusaram de plágio, citando, entre outros, Burton, Rabelais, Donne e Montaigne como fontes para os escritos de Sterne. Segundo Howes, "Although the originality of Sterne's work had strongly impressed most of his contemporary readers as well as those of the next two decades, the charge had been made more than once that he was indebted in various ways to his predecessors" (1971, p. 81).

Howes comenta que as críticas mais incisivas estavam ligadas a moralismos, mas que as apropriações de Sterne eram apreciadas quando julgadas de acordo com parâmetros mais literários.

[N]o future critic could afford to ignore the fact of Sterne's borrowings; but, once the initial furor had died down, the effect of the disclosures upon his standing was not as great as might have been expected. Even the moralists, who thought that the discovery of Sterne's indebtedness would eventually reduce his literary reputation to the level on which they believed his indecency ought to place him, found that their predictions were unfulfilled (id., p. 88).

A escrita de Sterne e seu esquema de intertextualidade parece ajustar-se à discussão de T. S. Eliot sobre tradição:

It [tradition] involves, in the first place, the historical sense, (...) and the historical sense involves a perception, not only of the pastness of the past, but of its presence; the historical sense compels a man to write not merely with his own generation in his bones, but with a feeling that the whole of the literature of Europe from Homer and within it the whole of the literature of his own country has a simultaneous existence and a simultaneous order (2001, p. 1093).

Sterne propõe um esquema em *A Sentimental Journey* que prioriza justamente este *historical sense* de Eliot, Sterne parece ter tido esta percepção da presença do passado ou, antes, do universal independen-

temente de aspectos temporais. Assim, o texto de Sterne dialoga com textos antigos e contemporâneos, originalmente escritos em inglês ou em outras línguas.

Em *A Sentimental Journey*, Sterne além de usar material de *Tristram Shandy*, emprega recursos, cita ou faz alusões a diversos autores e obras, entre os quais se destacam a Bíblia, Shakespeare, Rabelais, Cervantes e Smollett. Há uma feliz conjunção de fatores que possivelmente ajudaram Sterne na sua escrita: o aumento da demanda de tradução dado o crescente nível de alfabetização da população inglesa² e as muitas traduções de obras literárias de vulto³. Pode-se dizer que a tradução foi central no esquema intertextual de Sterne, já que o acesso do escritor à língua francesa era limitado e seu acesso ao espanhol não devia ser melhor. A tradução de Thomas Shelton dos dois volumes de *Don Quijote*, por exemplo, saiu entre 1612 e 1620, e a de *Gargântua e Pantagruel* de Rabelais por Urquhart em 1653.

Discuto a seguir um dos textos que mais se destacam no esquema intertextual em *A Sentimental Journey*: a Bíblia, e a estratégia das tradutoras em relação a estas marcas intertextuais.

A Bíblia em *A Sentimental Journey*

Em *A Sentimental Journey*, Sterne dialoga com o texto bíblico repetidas vezes. Este diálogo é tão notório que mesmo traduzido levou a reações da Igreja: “In 1819, shortly after Foscolo’s⁴ successful translation, the Vatican’s Index of Forbidden Books banned *A Sentimental Journey* for its ‘licentiousness and obscenity’, and for the ‘incorrect and outrageous use of biblical texts’” (Santovetti, 2004, p. 202). A presença do texto bíblico nos romances de Sterne foi também detectada por Ginzburg em um diálogo entre Suard, tradutor de Hume para o francês, e Sterne em que aquele teria perguntado o segredo da originalidade do romancista inglês, que teria respondido entre outros itens a leitura diária da Bíblia⁵.

Na narrativa, há adaptações do texto bíblico, como em “she should *not only eat of my bread and drink of my own cup*, but Maria should lay in my bosom, and be unto me as a daughter”, à página 110, que se refere a

But the poor [man] had nothing, save one little ewe lamb, which he had bought and nourished up: and it grew up together with him, and with his children; it did eat of his own meat, and drank of his own cup, and lay in his bosom, and was unto him as a daughter (2Sm 12, 3).

E alusões, como em “but La Fleur was out of the reach of every thing; for whether 'twas hunger or thirst, or cold or nakedness, or watchings, or whatever stripes of ill luck La Fleur met with in our journeyings, there was no index in his physiognomy to point them out by”, às páginas 32-33, que se refere a

Are they ministers of Christ? (I speak as a fool) I am more; in labours more abundant, in stripes over measure, in prisons more frequent, in deaths oft. Of the Jews five times received I forty [stripes] save one. Thrice was I beaten with rods, once was I stoned, thrice I suffered shipwreck, a night and a day I have been in the deep; [In] journeyings often, [in] perils of waters, [in] perils of robbers, [in] perils by [mine own] countrymen, [in] perils by the heathen, [in] perils in the city, [in] perils in the wilderness, [in] perils in the sea, [in] perils among false brethren; In weariness and painfulness, in watchings often, in hunger and thirst, in fastings often, in cold and nakedness (2Co 11, 23-27).

Sterne não julgou necessário valer-se de nota para identificar nenhuma das suas referências à Bíblia, o que, dependendo da relação que o tradutor tem com o texto bíblico, pode dificultar a identificação destas marcas intertextuais. Vale ressaltar a centralidade do texto bíblico na cultura anglo-americana, representado sobretudo pela *King James Version*, publicada em 1611, sobre cujo valor literário Mackenzie disse: “For Protestantism, and for English literature at large, The AV [Authorized King James Version] is by 1660 the authoritative text” (2005, p. 458).

A Bíblia parece ocupar um lugar fundamental no ocidente: “It holds a unique and exclusive status not merely in terms of the religious history of the western world but also in literary history and even in what might be called our collective cultural psyche” (Carroll e Prickett, 1998, p. xi). No entanto, este prestígio manifesta-se de formas variadas de acordo com a cultura. O texto bíblico na cultura em que *A Sentimental Journey* foi escrito goza de um alto prestígio literário, a Bíblia é um texto lido e reconhecido, e o fato de Sterne ter sido pastor parece corroborar mais ainda a expectativa de que suas alusões à Bíblia fossem identificáveis. Contudo, no Brasil, a Bíblia funciona mais como um amuleto, um objeto de adoração, e não obstante a sua presença nos lares, raramente é lida fora do ambiente institucional mediado por padres ou pastores.

Esta assimetria quanto à inserção do texto bíblico nas culturas envolvidas no processo tradutório gera consequências diretas para a tradução do romance. Espera-se, claro, que o tradutor perceba as redes intertextuais propostas pelo autor e que, a partir de então, estabeleça uma estratégia de como lidar com as marcas intertextuais do

original. O pronome *thou*, por exemplo, reconhecido, como afirma Crystal, como parte de um texto obsoleto, religioso ou literário, é comumente traduzido para o português pelo pronome *tu*, que não encerra a implicação do original. Esta ausência de contato com a Bíblia como texto e, por conseguinte, a ausência de identificação por parte do leitor brasileiro de marcas intertextuais faz com que o tradutor tenha que optar pela sua obliteração ou por algum recurso que faça com que o leitor reconheça aquela referência.

Acredito que o apagamento das referências à Bíblia empobrece a tradução e impede que o leitor, ainda que não identifique prontamente o texto, saiba da centralidade que o texto bíblico teve na escrita de Sterne. Se o tradutor optar por evidenciar o texto bíblico, há duas questões centrais que devem ser consideradas: a escolha da Bíblia a ser usada na tradução⁶ e uma pesquisa rigorosa das várias referências feitas ao texto no romance⁷.

Contudo, não obstante o rigor da pesquisa, a questão da assimetria de inserção do texto bíblico mantém-se e pode eventualmente gerar incompreensão. Acredito que a melhor opção seria o emprego de paratexto, por exemplo, um prefácio que esclarecesse o leitor sobre a centralidade da Bíblia na narrativa de Sterne e notas que localizassem as citações do autor.

Xavier propõe como paratexto uma introdutória nota biográfica e onze notas finais, das quais apenas uma refere-se ao texto bíblico. A tradução de Martins é acompanhada de prefácio⁸ e notas de Jorge de Sena, em que não há uma menção sequer ao texto bíblico, não obstante o apuro do prefácio que abarca desde questões biográficas ao lugar de destaque ocupado pelo romance na história literária mundial.

A tradução de Pinheiro é acompanhada de introdução e notas por Marta de Senna. A introdução de Senna, apesar de breve, é bastante abrangente, abarcando desde a ironia de Sterne até a pontuação idiossincrática do romance. No seu entusiasmo por incorporar o maior número possível de características da narrativa de *A Sentimental Journey*, Senna acaba exaltando o traço irônico em detrimento do sentimental, direcionando a leitura ao explicar ao leitor o que é engraçado e, de certa forma, expressando um juízo de valor dispensável:

Engraçado, espirituoso, culto, crítico, irônico, inglês e protestante até a medula, Yorick é também, às vezes, sinceramente sentimental. É o que ocorre nos três penúltimos capítulos, 'O Bourbonnois', 'A Ceia' e 'A Ação de Graças', os quais, talvez por isso, são os menos saborosos do romance: não há ironia, não há duplos sentidos, não há insinuações escusas (2002, p. 6).

Senna parece certa ao afirmar que estes três capítulos são essencialmente sentimentais e que não apresentam a ironia de Sterne, mas o valor que ela atribui ao *sabor* deles parece pouco convincente. Tratam-se, na minha opinião, de três obras-primas do sentimentalismo sem o apelo da comoção exagerada, esta, sim, motivo de paródia no romance.

Apesar deste deslize, é na introdução de Senna que a questão intertextual é apresentada ao leitor pela primeira vez: “Também dignas de nota são as relações intertextuais, em que se destaca a presença de Cervantes, do texto bíblico (nada mais natural para um clérigo, como Yorick e como Sterne), da obra do próprio Sterne (...)” (id., p. 7). Esta menção na introdução é retomada nas notas finais das quais quinze referem-se a questões intertextuais e destas apenas duas ao texto bíblico.

Na minha tradução⁹, explorei as referências ao texto bíblico em vinte e quatro das trinta e nove notas finais relativas a questões intertextuais. Optei na minha tradução pelo emprego da *Bíblia de Jerusalém*, mas, na nota 40 do segundo volume, usei a *Bíblia Sagrada* de João Ferreira de Almeida, porque pareceu-me mais apropriada para o texto. O trecho em questão é: “Surely this is not walking in a vain shadow – nor does man disquiet himself in vain” uma alusão ao salmo 39, 6. A *Bíblia de Jerusalém* apresenta a seguinte tradução: “apenas sombra o homem caminha, apenas sombra as riquezas que amontoa, e ele não sabe quem vai recolhê-las” (Sl 39, 7). A *Bíblia Sagrada* propõe: “Com efeito, passa o homem como uma sombra; em vão se inquieta; amontoa tesouros e não sabe quem os levará” (Sl 39, 6). Adotei a tradução de Almeida pela proximidade, neste trecho específico, com a versão da *King James*, e o traduzi da seguinte maneira: “Isto não é passar como uma sombra – nem o homem se inquieta em vão”.

Acredito que a coerência seja relevante, mas mais relevante que a coerência em si é o efeito estético do texto, daí a opção pelo texto de Almeida. Busquei na minha tradução, na medida do possível, manter as referências propostas por Sterne, atentando sobretudo para o histórico literário que o autor traçou nas marcas intertextuais deixadas no romance, e por não pretender perder um dos principais traços da sua escrita, o texto bíblico, nem a referência ao desassossego do original, a tradução de Almeida pareceu-me mais apropriada, apesar do emprego da *Bíblia de Jerusalém* em todas as outras referências.

Percebe-se pelo exame das estratégias das tradutoras quanto à questão intertextual que a preocupação com os textos fonte e meta e com o caráter mediador da tradução tem aumentado ao longo dos

anos. Nestas sete décadas de tradução brasileira de *A Sentimental Journey*, distingue-se um crescente comprometimento com a tradução como uma atividade intelectual distanciando-a da tradução de caráter mecânico em que o mero conhecimento linguístico é considerado suficiente para sua realização.

A atividade tradutória tem como uma de suas atribuições a mediação entre texto e leitor e esta mediação passa pelo reconhecimento da rede intertextual proposta pelo autor na escrita do seu texto. Quando identifica e busca reproduzir as marcas intertextuais do original, o tradutor possibilita ao leitor o acesso não apenas ao texto mesmo como aos outros textos que, de alguma maneira, estão inscritos naquele texto, proporcionando ao leitor uma maior abertura para a cultura fonte.

Notas

1. A tese intitula-se *Tradução comentada de A Sentimental Journey de Laurence Sterne* e foi defendida em setembro de 2008, na Pós-Graduação em literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.
2. O processo de industrialização já estabelecido no século XVIII causa um impacto estrutural da sociedade inglesa, atraindo uma grande quantidade de migrantes para os centros urbanos, Londres sobretudo, que já tinham então uma considerável população de trabalhadores alfabetizados. Para mais detalhes, ver Hunter, Paul. "The Novel and Social/cultural History (pp. 9-40). In Richetti, John. *The Cambridge Companion to the Eighteenth Century Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
3. Ver Gillespie e Hopkins (eds.) "The Place of Translation in the Literary and Cultural Field 1660-1790" em *The Oxford History of Literary Translation in English*, volume 3: 1660-1790, p. 15.
4. A tradução de Ugo Foscolo do romance de Sterne, *Viaggio sentimentale lungo la Francia e l'Italia*, foi publicada pela primeira vez em 1813, em Pisa. A versão utilizada para este artigo foi publicada em Milão, pela Garzanti, em 1998.
5. Ver Ginzburg, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha – Quatro visões da literatura inglesa*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 70.
6. Há duas Bíblias em língua portuguesa que me parecem bastante adequadas para a tarefa tradutória: a *Bíblia Sagrada* de João Ferreira de Almeida, por ser considerada a Bíblia do ritual de acordo com Rudi Zimmer, coordenador da Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica do Brasil, e a *Bíblia de Jerusalém* pelo extenso material paratextual e o trânsito que proporciona entre seus textos.
7. A identificação de referências ao texto bíblico no original, que exige uma investigação cuidadosa, que pode ser facilitada por sites como o <www.bibliacatolica.com.br> e o <www.blueletterbible.org/search.html>.
8. Em *Novelas Inglesas*, da Cultrix, há três prefácios: o primeiro dedica-se a fornecer um panorama literário da época, o segundo é dedicado a Sterne e ao romance *A Sentimental Journey* e o terceiro a James e a *The Turn of the Screw*. Já na edição pela Ediouro, há apenas o prefácio ao romance de Sterne.
9. *Viagem sentimental pela França e Itália*. São Paulo: Hedra, 2008.

Referências

- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Carroll, Robert & Prickett, Stephen. "Introduction: The Bible as a Book". In: *The Bible – Authorized King James Version with Apocrypha*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- Crystal, David. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- Culler, Jonathan. "Presupposition and Intertextuality". In: *MLN: Comparative Literature*, Volume 91, nº 6. Baltimore: The Johns Hopkins University Press. 1976, pp. 1380-1396.
- Eliot, T. S. "Tradition and Individual Talent" (pp. 1092-1098). In: Leitch, Vincent (ed.). *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. Nova York: W. W. Norton, 2001.
- Federici, Eleonora. "The Translator's Intertextual Baggage" (pp. 147-160). In: *Forum for Modern Language Studies*. Vol. 43, nº 2. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- Gillespie, Stuart. "Translation and Canon-Formation". In: Gillespie, Stuart e Hopkins, David, (eds). *The Oxford History of Literary Translation in English Vol. 3 1660-1790*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Goring, Paul. "Introduction". In: Sterne, Laurence. *A Sentimental Journey through France and Italy*. Londres: Penguin, 2001.
- Howes, Alan B. *Yorick and the Critics: Sterne's Reputation in England, 1760-1868*. New Haven: Yale University Press, 1958.
- Mackenzie, Donald. "Biblical Translation and Paraphrase". In: Gillespie, Stuart e Hopkins, David, (eds). *The Oxford History of Literary Translation in English Vol. 3 1660-1790*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- Santovetti, Olivia. "The Sentimental, the 'Inclusive', the Digressive: Sterne in Italy". In: Neubauer, John, and Peter de Voogd, (eds). *The Reception of Laurence Sterne in Europe*. Londres: Thoemmes Continuum, 2004.
- Sena, Jorge. "Laurence Sterne e a Sentimental Journey". In: Sterne, Laurence. *Novelas Inglesas*. Tradução de Anna Maria Martins. São Paulo: Cultrix, 1963.
- Senna, Marta de. "Introdução". In: Sterne, Laurence. *Uma viagem sentimental através da França e da Itália*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- Sterne, Laurence. *A Sentimental Journey through France and Italy*. Londres: Penguin, 2001.
- Sterne, Laurence. *Viagem sentimental na França e na Itália*. Tradução de Berenice Xavier. São Paulo: Athena Editora, 1939.
- Sterne, Laurence. *Uma viagem sentimental através da França e Itália*. In: *Novelas Inglesas*. Tradução de Anna Maria Martins. São Paulo: Cultrix, 1963.
- Sterne, Laurence. *Uma viagem sentimental através da França e da Itália*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- Sterne, Laurence. *Viagem sentimental pela França e Itália*. Tradução de Luana Ferreira de Freitas. São Paulo: Hedra, 2008.
- The Bible – Authorized King James Version with Apocrypha*. Oxford: Oxford University Press, 1998.